

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — *Carta Encyclica do nosso Santo Padre Leão XIII relativa ás festas do Pentecostes.* — SECÇÃO DOCTRINAL: *A confissão sacramental (IV)*, pelo rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; — *A Lourdes.* — SECÇÃO HISTORICA: *Campana de Bellilha*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida. — SECÇÃO CRITICA: *Paris!* pelo ex.^{mo} sr. Dom Antonio d'Almeida. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Tradução do Officio de Nossa Senhora.* — SECÇÃO LITTERARIA: *Hymno ao Sagrado Coração de Maria*, pelo ex.^{mo} sr. A. Moreira Bello; — *Serões d'aldeia*, pelo ex.^{mo} sr. J. P. Mineiro; — *Missa, (Gento do Christianismo)*; — *S. Camillo de Lellis (continuação)*, pelo ex.^{mo} sr. J. P. Mineiro. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Guardas do templo;* — *S. Norberto, Arcebispo e Confessor.* — RETROSPECTO.

Gravuras: *Guardas do templo;* — *S. Norberto, Arcebispo e Confessor.*



GUARDAS DO TEMPLO



CARTA ENCYCLICA

DO

NOSSO SANTO PADRE LEÃO XIII

Aos Nossos veneráveis Irmãos os Patriarchas, Primazes, Arcebispos, Bispos e aos outros Ordinarios em paz e communhão com a Sé Apostolica

LEÃO XIII, PAPA

VENERAVEIS IRMÃOS, SAUDE E BENÇÃO APOSTOLICA

A MISSÃO divina que Jesus Christo recebeu de seu Pae e de que elle se desempenhou santamente á vista do genero humano, tem por fim ultimo a beatitude dos homens no seio da gloria eterna; mas tem por fim proximo, n'esta vida, a posse e conservação pelos homens da graça divina, destinada a desabrochar-se em vida eterna no céu. Por isso o proprio Redemptor não cessa de convidar, com extrema benevolencia, os homens de todas as linguas e de todas as nações a reunirem-se no seio da sua Igreja. *Vinde a mim todos; ou seu a vida; sou o bom pastor.* Todavia o Redemptor, em seus profundos designios, não quiz por si mesmo terminar e completar esta missão em todos os pontos da terra: tendo recebido de seu Pae a tarefa, transmittiu-a ao Espirito Santo para este a rematar.

E' agradável recordar as palavras que Christo, prestes a deixar a terra, pronunciou no meio dos seus discipulos: «E' bom para vós que eu vá; se não me vou, o Paraclete não virá a vós; mas se me vou, eu vo-lo enviarei.» (S. João XVI, 7.) Dizendo isto, Christo deu a melhor razão possível da sua partida e da sua volta para seu Pae, isto é, a vantagem para os seus discipulos da vida do Espirito Santo. Mostrou ao mesmo tempo que este Espirito Santo era enviado por Elle e por seu Pae, que procedia d'Elle e de seu Pae e que esse mesmo Espirito Santo terminaria, como inovador, consolador e preceptor a obra realisada pelo Filho em sua vida mortal. A' multiplice virtude d'esse Espirito, que quando foi creado o mundo «ornou os céos» (Job, XXVI, 13) e «encheu a esphera do mundo» (Sap. I, 7), estava effectivamente reservada providencialmente a conclusão da obra redemptora.

Nos temos-nos continuamente esforçado, com o auxilio de Christo conservador dos homens, príncipe dos pastores e guarda de nossas almas, em imitar os exemplos que Elle nos deu. Religiosamente nos temos dedicado ao officio que confiou aos apóstolos, especialmente a Pedro, «cuja dignidade, merito n'um herdeiro indigno, não desfallece» (Leo M. ser. II in anniv. ass. suae). Penetrado d'esta idea, temos querido que todos os trabalhos por Nós emprehendedos e seguidos durante o Nosso já longo pontificado, convergissem para dois fins principaes: em primeiro lugar, a restauração da vida christã na sociedade civil e domestica,

tanto nos príncipes como nos povos, porque em nenhum homem ha verdadeira vida que não promane de Christo; em segundo lugar, a reconciliação de todos aquelles que, pela fé ou pela obediencia, se encontram separados da Igreja; pois que certissimamente a intenção de Christo é reuni-los a todos em um só redil sob um só Pastor.

Hoje que vemos approximar-se o termo da Nossa vida, mais vivamente que nunca experimentamos o desejo de recommendar ao Espirito Santo, que é Amor vivificante, a obra do Nosso Apostolado, como Nós a temos conduzido até agora, afim de que este Espirito a torne fecunda e lhe faça amadurecer os fructos. Para que estes fructos sejam melhores e mais abundantes, resolvemos dirigir-vos a palavra ao aproximarem-se as festas do Pentecostes, fallando vos da presença e da virtude maravilhosa do Espirito Santo, e recordando-vos quanto trabalha e exerce felizes influencias, quer na Igreja em geral, quer em cada alma, graças á admiravel abundancia de seus dons superiores. D'ahi vem—e com ardor o desejamos—que a fé no mysterio da augusta Trindade se conserve e renasça nos espiritos, e que sobretudo a piedade augmente e se afervore para com o Espirito divino, a quem todo o homem deve principalmente render graças todas as vezes que obtem seguir os caminhos da verdade e da justiça. Por quanto, como disse S. Basilio, «quem negará que os dons feitos ao homem por Deus e pelo Nosso Salvador Jesus Christo, segundo a bondade de Deus, produzem seus fructos pela graça do Espirito?» (De Spiritu Sancto, c. XVI, n.º 39).

Antes d'entrar no Nosso assumpto, agradamos e será útil dizer algumas palavras da Santissima Trindade. Este mysterio é chamado pelos doutores sagrados a «substancia do novo testamento», quer dizer, o maior de todos os mysterios, a origem e fundamento de todos os outros. Foi para o conhecer e contemplar que os anjos foram creados no céu e os homens na terra. Este mysterio estava pouco visível no antigo testamento, e foi para o manifestar mais claramente que o proprio Deus desceu até aos homens. «Ninguém viu nunca Deus: o Filho unico de Deus, que está no seio do Pae, elle mesmo o revelou.» (Joan. I, 18.) Quem, pois, fallar ou escrever da Trindade deve ter presente o prudente conselho do doutor Angelico: «Quando fallamos da Trindade, é necessario ser prudente e judicioso, porque, como diz Santo Agostinho, não ha materia em que um erro seja mais perigoso, as investigações mais laboriosas, nem as verdades encontradas sejam mais fructuosas.» (Summ. th. 1.ª q. XXXI, a. 2.—De Trin., l. I, c. 3.) O perigo é que, na fé ou no culto, se não confunda umas com as outras as Pessoas divinas e se não introduza a variedade na sua natureza unica; pois «a fé catholica é esta: que nós veneramos um só Deus na Trindade e a Trindade na unidade. Por isso Innocencio XII, Nosso predecessor, recusou auctorisação a certas ceremonias que se lhe pedia licença para instituir em honra especial do Padre. Se em certas festas se celebram os mysterios, particulares do Verbo Encarnado, todavia o Verbo não é celebrado por nenhuma festa especial em razão da sua natureza divina sómente; e a propria festa do Pentecostes não foi instituida, desde os primeiros tempos, para honrar o Espirito Santo só, em si mesmo, mas para commemorar a sua descida, isto é, a sua missão d'origem exterior a Elle. Tudo isto foi avisadamente decidido, para que ninguem, com o intuito de distinguir entre as pessoas divinas, fosse levado a attribuir-lhes muitas naturezas divinas. Além d'isto a Igreja, para manter seus filhos na integridade da fé, instituiu a festa da Santissima Trindade, que João XXII ordenou mais tarde se celebrasse em toda a christandade. Permite a Igreja que se dediquem á Trindade altares e templos, o não foi sem uma certa vontade co-

leste que approvou regularmente uma Ordem religiosa fundada para libertação dos captivos, ordem inteiramente consagrada á Trindade, cujo nome usa.

Muitas cousas confirmam o que fica dito. De facto, o culto votado aos habitantes dos céos, aos anjos, á Virgem Mãe de Deus, a Christo, recahem por fim na propria Trindade. Nas orações dirigidas a uma das tres pessoas, faz-se menção das outras. Nas supplicas em que uma só é invocada expressamente, introduz-se uma invocação commum a todas tres. Em todos os psalms, em todos os hymnos se acrescenta um louvor em honra do Padre, do Filho, e do Espirito Santo. As bênçãos, as coronias rituaes, os sacramentos são acompanhados ou seguidos d'uma oração á Santissima Trindade. E estas praticas estavam desde longo tempo contidas em germen na palavra do Apostolo: «Pois tudo é d'Elle, por Elle e n'Elle; gloria a Elle nos seculos», significando por um lado a trindade das pessoas, afirmando por outro lado a unidade de natureza. E é por ser esta natureza a mesma para cada Pessoa, que se deve a cada uma, como a um só e mesmo Deus, a gloria eterna devida á magestade de Deus. Santo Agostinho, citando esta attestação, acrescenta: «Não se devem tomar em sentido vago estas palavras do Apostolo: *d'Elle por Elle e n'Elle; diz d'Elle por causa do Padre, por Elle por causa do Filho, n'Elle por causa do Espirito Santo*» (De Trin. l. VI, c. 10; l. I, c. 6).

A Igreja, d'um modo muito feliz, tomou o habito d'attribuir ao Pae as obras em que se ostenta poder, ao Filho aquellas em que brilha sabedoria, ao Espirito Santo as em que esplende amor. Não é porque todas as perfeições e todas as obras exteriores não sejam communs ás pessoas divinas; de facto, «as obras da Trindade são indivisiveis, como a essencia da Trindade é indivisivel» (Santo Agostinho, De Trin. I, c. 4 e 5), pois que assim como as tres Pessoas divinas «são inseparaveis, igualmente obram inseparavelmente» (S. Agost. ib.); —mas porque, em virtude d'uma certa affinidade que se nota entre as obras e as propriedades das Pessoas, as primeiras podem ser applicadas ou, como se costuma dizer, *appropriadas* antes a uma pessoa que a outra. Da mesma forma que, para a representação das Pessoas divinas usamos de comparações, impressões e imagens fornecidas pelas creaturas, assim tambem repartimos os seus attributos essenciaes; e esta manifestação das Pessoas pelos seus attributos essenciaes chama-se *appropriação*» (S. Th. 1.ª, q. XXXIX, a. 7.)

D'esta maneira, o Pae, que é «o principio de toda a divindade», é ao mesmo tempo a causa effectiva do conjuncto dos seres, da encarnação do Verbo e da santificação das almas. «*D'Elle* são todas as cousas». *D'Elle* por causa do Pae. Pelo seu lado o Filho, *verbo, reflexo de Deus*, é ao mesmo tempo a causa exemplar d'onde todos os seres tiram a sua forma, sua holleza, sua ordem e harmonia, é para nós o caminho, a verdade e a vida, o reconciliador do homem com Deus. «*Por Elle* são todas as cousas». *Por Elle* por causa do Filho. Quanto ao Espirito Santo, é elle a causa final de todos os seres, porque, assim como a vontade e geralmente toda a cousa assenta na realisação do seu fim, tambem o Espirito Santo, que é a bondade divina e o amor mutuo do Pae e do Filho, operando os actos mysteriosos que completam a salvação eterna do homem, termina-os e acaba-os por uma especie de forte e suave impulso. «*N'Elle* são todas as cousas». *N'Elle* por causa do Espirito Santo.

Respeitando pois o culto inviolavel que a religião deve a toda a boaventurada Trindade e que cada vez mais profundamente convem fazer penetrar no povo christão, vamos aqui expôr a virtude do Espirito Santo.

É necessário primeiramente reflectir em Christo, fundador da Igreja e Redemptor do género humano. Certamente nas obras exteriores de Deus este mysterio do Verbo encarnado é o que mais brilha. N'elle se revella tão luminosamente o esplendor das perfeições divinas, que nada maior pode sequer ser imaginado e nada poderla ser mais salutar á humanidade.

Esta obra tão grande, conquanto pertença a toda a Trindade, é não obstante attribuída ao Espirito Santo como propriamente sua: de modo que os Evangelistas, fallando da Virgim, dizem: «Conheceu-se que tinha concebido do Espirito Santo» e «O que d'ella nasceu é do Espirito Santo» (Math., I, 18, 20). E esta obra é em bom direito attribuída áquelle que é o amor do Pai e do Filho. De facto, esta «grande prova d'amor» (I Tim., III, 16) provém do grande affecto de Deus aos homens, como nos adverte S. João: «Deus amou tanto o mundo que lhe deu seu filho unico» (III, 16). Acrescentemos que, por isso, a natureza humana foi elevada a ponto de ser unida pessoalmente ao Verbo,—dignidade que de nenhum modo lhe era concedida em consequencia de meritos seus, mas unicamente por effeito da graça, quer dizer, como que por um beneficio espontaneo do Espirito Santo.

Santo Agostinho commenta assim: «A maneira como Christo encarnou por virtude do Espirito Santo insinua em nós a graça de Deus d'um modo que o homem, sem nenhum merecimento da sua parte, desde o instante em que o ser humano começa a existir, se encontra unido ao Verbo de Deus em tão estreita unidade de pessoa, que o Filho de Deus vem a ser o mesmo ser que o Filho do homem, e o Filho do homem o mesmo ser que o Filho de Deus.» (Eucher. c. XXXX, S. Th., 3.ª 9 XXXII, a. 1.) Ora, pela virtude do Espirito operou-se não só a concepção de Christo, mas tambem a santificação da sua alma, que é chamada *uncção* nos livros santos (Actor. X, 38), e assim Christo «nunca obrava senão sob a influencia do Espirito» (S. Basil. De Sp. S., c. XVI), e principalmente quando se offercia em sacrificio: «Offereceu-se a Deus, victima immaculada, pelo Espirito Santo» (Hebr. IX, 14.)

Attentando n'estas cousas, não admira que todos os dons do Espirito Santo affluisse na alma de Christo. N'Elle com effeito residiu uma especial abundancia de graça, a maior e mais efficaz possível. N'elle se encontravam todos os thesouros da sabedoria e da sciencia, as graças gratuitas, as virtudes, n'uma palavra todos os dons annunciados primeiro pelas prophacias d'Isaias (IV, 1; XI, 2, 3) e significadas depois por essa maravilhosa pomba do Jordão, quando Christo santificou este rio com o seu baptismo a fim de crear um novo sacramento.

A este facto convém est'outras palavras de S. Agostinho:

«É absurdo dizer que Christo quando já contava d'oitenta e trinta annos, recebeu o Espirito Santo. Foi ao baptismo com o Espirito Santo, como a elle foi sem peccado. Então pois — quer dizer no baptismo — se dignou representar pelo seu corpo a propria Igreja, na qual, geralmente, os fieis baptisados recebem o Espirito Santo.» (De Trin., I, XV, c. 27.) Por isso a appareição visivel do Espirito Santo por cima de Christo e sua virtude intima na alma de Christo representam a dupla missão d'este mesmo Espirito: a que se manifesta visivelmente na Igreja, e a que se exerce secretamente por sua insinuação nas almas justas.

A Igreja, já concebida, e nascida, por assim dizer, das costellas do novo Adão dormindo na Cruz, manifestou-se pela primeira vez aos homens, brilhantemente, no famoso dia de Pentecostes. Foi n'esse dia que o Espirito Santo começou a desvelar seus beneficios no

corpo mystico de Christo, por aquella admiravel effusão que o propheta Joel tinha visto muito tempo antes: pois o Paraclito «paira por cima dos apóstolos, para que, em forma de linguas de fogo, novas cordas espirituas sejam collocadas em suas cabeças». (Cyr. H. erosol. catech., 17.)

Então os apóstolos «desceram do monte, como escreve Chrysostomo, não trazendo taboas de pedra em suas mãos, como Moisés, mas trazendo o Espirito em suas almas, e derramando como que um thesouro em um rio de verdades e de graças.» (In Math. hom. I; II Cor. III, 3.) A isto se referia opportunissimamente esta ultima palavra de Christo aos seus apóstolos quando lhes prometia enviar-lhes o Espirito Santo que lhes devia dar o complemento da doutrina e em certo modo pôr o selo á sua doutrina: «Tenho ainda muitas cousas a dizer-vos, mas ainda as não podeis comprehender. Quando vier o Espirito da verdade, Elle vos ensinará toda a verdade.» (Joan. XVI, 12, 13.)

Effectivamente, Aquelle que é o Espirito de verdade como procedente ao mesmo tempo do Pai, que é a verdade eterna, e do Filho, que é a verdade substancial, tira d'um e outro, em uma só essencia, todo o conjuncto da verdade: esta verdade, Elle a dá á Igreja, vigiando, com seu apoio constantemente presente, porque ella já mais caia em erro e possa cada vez mais generosamente alimentar os germens da doutrina divina e fazel-os fructificar para salvação do povo.

E como esta salvação do povo, que é a missão da Igreja, exige absolutamente que prosiga até ao fim dos tempos a sua tarefa, o Espirito Santo deve dar á Igreja, para a augmentar e a conservar, vida e força eterna: «Eu pedirol a meu Pai, e elle vos dará outro Paraclito para que o Espirito de verdade permaneça sempre convosco.» (Joan. XI, V, 16, 17.) É por Elle que são constituídos os Bispos, cujo ministerio não só engendra filhos, mas tambem paos, que são os Padres, para governar a Igreja e alimental-a com o mesmo sangue de Christo com que foi resgatada. «O Espirito Santo estabeleceu os Bispos para governar a Igreja de Deus, que elle adquiriu com seu sangue.» (Act. XX, 28.)

Uns e outros, Bispos e Padres, por uma graça insigne do Espirito Santo, tem o poder d'apagar os peccados segundo esta palavra de Christo aos apóstolos: «Recebei o Espirito Santo; os peccados serão remittidos áquelles a quem os remittirdes, e retidos áquelles a quem os retiverdes.» (Joan., XX, 22, 23) A necessidade da divindade da Igreja não é demonstrada por uma clara prova que o esplendor e gloria de que está revestida e que deve ao Espirito Santo. Baste affirmar que, se Christo é a cabeça da Igreja, o Espirito Santo é a alma: «O que é a alma no nosso corpo, isso é o Espirito Santo no corpo de Christo, que é a Igreja.» (S. Aug. Serm. I, CLXXXVII.)

Sendo assim, outra manifestação se não poderia pedir mais vasta e fecunda do Espirito divino: a que agora vemos na Igreja é effectivamente a maior que se poderia ver, e durará até que a Igreja, tendo concluido o seu curso n'este mundo, goze no céu a alegria do triumpho.

De que modo e em que medida obra o Espirito Santo nas almas, é cousa não menos admiravel, conquanto um pouco mais difficil de comprehender, porisso que nossos olhos a não podem apprehender. Esta effusão do Espirito Santo é tão abundante que o proprio Christo, de cuja graça ella dimana, a comparou a um rio abundantissimo, como se vê em S. João: «Quem cre em mim, diz a Escripura, verá rios d'agua viva correrem da seu corpo.» O mesmo evangelista explica este testemunho: «Diz isto do Espirito Santo que devem receber aquelles que creem n'elle.» (VII, 38, 39.)

Por outro lado é certo que o Espirito Santo foi dado pela graça aos homens justos que viveram antes de Christo, como sabemos pelo que respeita aos prophetas Zacharias, João Baptista, Simeão e Anna. De facto, no Pentecostes, «o Espirito Santo não veio para começar a habitar a alma dos santos, mas para inais a penetrar; cumulando-a de seus dons, mas não começando a conceder-lhos. Não fazia cousa nova; ampliava a que tinha começado.» (S. Leo M. Hom. III de Pentec.)

Mas se esses homens são contados entre os filhos de Deus, contado eram por sua condição semelhantes a escravos, pois o filho «não differo em nada do escravo em quanto está em poder dos tutores e dos senhores.» (Gal. IV, 1, 2) Além de não haver n'elles justiça, senão a que provinha dos merecimentos de Christo que havia de vir, o Espirito Santo, depois da vinda de Christo, foi communicado muito mais abundantemente, a ponto de se poder dizer que a colheita foi rica em demasia para a eira que a devia conter, e a verdade ultrapassada de novo a figura. Porisso S. João affirmou: «O Espirito Santo ainda não tinha sido dado, por que Jesus não tinha sido glorificado.» (VII, 39.)

Logo pois que Christo, subindo ao céu, tomou posse da gloria do seu reino que tão caro comprara, espalhou generosamente as riquezas do Espirito Santo e *deu parte dos seus dons aos homens* (Eph. IV, 8.) Pois este dom, esta remessa do Espirito Santo depois da glorificação de Christo, devia ser como ainda não fôra; não quer isto dizer que ainda não tivera havido nenhuma, mas sim que nenhuma houve anteriormente como esta. Certamente a natureza humana é necessariamente serva de Deus. «A creatura é escrava, somos servos de Deus segundo a natureza.» (S. Cyr. Alex., *Thesaurus*, I, V, c. 6.) Demais, por causa da falta commum, a nossa natureza cahiu em tal abyssmo de peccado e odio que de mais a mais eramos inimigos de Deus: «Eramos por nossa natureza filhos de colera.»

Nenhum poder era capaz de nos livrar de tal ruina e salvar-nos da perda eterna. Esta tarefa desempenhou-a Deus creador da natureza humana e soberanamente misericordioso, por seu Filho unico, graças ao qual o homem foi restabelecido da dignidade de que cahira com maior abundancia de dons. Ninguem pode dizer qual foi esta obra da graça divina, na alma dos homens, que por causa d'esta regeneração são frequentemente chamados, nas Sagradas Letras e nos Padres da Igreja, creaturas revivificadas, novas, participantes da natureza divina, filhos de Deus, creados para elle.

Estes dons tão excoltos são com razão considerados como proprios do Espirito Santo. E' elle effectivamente o Espirito d'adopção dos filhos, no qual clamamos: Pai, Pai! E' elle que penetra os corções da suavidade do amor paternal: «Este mesmo Espirito attesta ao nosso espirito que somos Filhos de Deus.» (Rom., VIII, 15, 16.)

Para o explicar, nada melhor que a comparação feita pelo anj entre as duas obras do Espirito Santo; por Elle «Christo foi concebido na santidade para ser o Filho natural de Deus, e os outros são santificados a fim de serem os filhos adoptivos de Deus.» Assim o amor, o Amor increado, produz uma regeneração espiritual muito superior á que se podesse fazer na natureza.

As primicias d'esta regeneração e d'esta renovação são dadas ao homem pelo baptismo: n'este sacramento, a alma despoja-se do espirito impuro, penetra-a pela primeira vez o Espirito Santo e a torna semelhante a elle: «O que nasce do Espirito é Espirito.» (Joan. III, 7.) O mesmo espirito se dá pela confirmação, de um modo mais fecundo, para assegurar a constancia e o vigor da vida christã; a elle do-

veram os martyres e as virgens seus triumphos sobre as seducções do mal. O Espirito Santo, dizemos Nós, dá-se a si mesmo: «O amor de Deus foi espalhado nos seus corações pelo Espirito Santo que nos foi dado.» (Rom., V, 5.) Com effeito, Elle não sómente nos traz as graças divinas, mas é o auctor d'ellas, e Elle mesmo é o dom supremo; procedendo do mutuo amor do Pai e do Filho, é, com justo motivo, *altissimi donum Dei*.

Para melhor pôr em evidencia a natureza e a força d'este dom, convém lembrar os ensinamentos dados pelos santos doutores segundo as lettras sagradas: que Deus está presente em todas as coisas, *per potentiam*, por que tudo está submettido ao seu poder; *per presentiam*, por que tudo está a descoberto deante dos seus olhos; *per essentialiam*, por que é para todos os seres a causa da sua existencia.» (S. Thom., q. VIII, 3.)

Mas Deus não está sómente no homem como nos seres inanimados; além d'isso, é conhecido e amado por esta creatura; a nossa propria natureza nos faz amar, desejar, procurar o Lem. Demais Deus, pela graça, reside na nossa alma como n'um templo, d'uma maneira íntima e especial. D'ahi resultam esses laços d'amor pelos quaes a alma está unida mui intimamente a Deus mais do que um amigo ao seu melhor amigo, e goza d'elle d'uma maneira absoluta e cheia de suavidade.

Esta admiravel união, que se chama *inhabitatione*—differente sómente pela condição ou pelo estado d'aquelle pelo qual Deus torna felizes os habitantes do Céu—é, na realidade, produzida pela presença de toda a Trindade: «Nós viremos até sua casa e faremos n'ella a nossa morada.» Entretanto ella é considerada como coisa propria do Espirito Santo. Effectivamente, mesmo entre um homem corrompido se manifestam traços do poder e da sabedoria divina; mas ninguém, se não fór justo, participa do amor que é o signal do Espirito Santo. E o que a isto se refere, é que o mesmo Espirito é chamado santo porque, sendo o primeiro e o supremo Amor, dirige as almas para a santidade que consiste justamente no amor para com Deus.

Porisso o Apostolo, quando chama aos justos o templo de Deus, não os chama expressamente o templo do Pai e do Filho, mas do Espirito Santo. «Não sabeis que os vossos membros são os templos do Espirito Santo que está em vós, que recebestes de Deus?» (I Cor., VI, 19.) A abundancia das graças celestes, resultante da presença do Espirito Santo nas almas piedosas, manifesta-se de muitas maneiras. E' esta, com effeito, a doutrina de Santo Thomaz d'Aquino: «Pois que o Espirito Santo procede como amor, procede na qualidade de primeiro dom: é porisso que Santo Agostinho diz que, pelo dom que é o Espirito Santo, muitos dons particulares são trazidos aos membros de Christo.» Entre esses dons encontram-se essas secretas advertencias, esses mysteriosos convites que, por um movimento do Espirito Santo, são dados ás almas e aos espiritos, e sem os quaes se não pode entrar na via da virtude, nem progredir n'ella, nem attingir o feliz termo da salvação eterna.

Porque estas palavras e estas instigações se manifestam secretamente ás almas, são com razão comparadas algumas vezes nos Santos Livros ao sopro da brisa, e o doutor Angelico as assimila muito sensatamente aos movimentos do coração, no qual reside todo o poder no principio que o anima. «O coração obedece a uma força occulta, e porisso se lhe compara o Espirito Santo, que d'uma maneira invisivel vivifica e une a Igreja.»

Tal é tambem a obra dos sete dons que mui particularmente se chamam os dons do Espirito Santo para com o homem justo, que vive da vida da graça e procede segundo as virtudes que correspondem a cada uma das suas faculdades. Graças aos dons do que falla-

mos, o espirito fortifica-se e torna-se apto para obedecer mais facil e promptamente ás palavras e aos impulsos do Espirito Santo; para isso esses dons são tão efficazes que conduzem o homem ao mais alto grau da santidade, e tão excellentes que subsistirão no reino dos céos ainda mais perfeitos. Pelo seu auxilio, a alma é convidada e conjuvida a desejar e a conquistar as beatitudes evangelicas que, assim como as flores que desabrocham na primavera, são o signal e as mensageiras da eterna felicidade.

Emfim, são bemdictos os fructos que o apostolo ennumera e que o Espirito Santo traz aos homens justos, mesmo n'esta perecível vida; são cheios de doçura e d'alegria, e devem necessariamente ser taes, porque provém do Espirito «que é na Trindade a suavidade do Pai e do Filho» e que enche de dons generosos e fecundos todas as creaturas.» (S. Aug., de Trin., I, VI, c. 9.)

Porisso procedendo o Divino Espirito, na luz e na santidade eterna, do Padre e do Verbo sendo ao mesmo tempo o amor e o dom, depois de se ter mostrado no antigo testamento como uma imagem velada de si mesmo, manifestou-se com plenitude em Christo e no seu corpo mystico, que é a Igreja. Por uma tão singular maneira, transformou, pela sua presença e pela sua graça, os homens mergulhados na corrupção e no vicio, os quaes, não sendo já terrestres, apesar d'estarem na terra, tenham noções e desejos d'ir para bem longe d'este mundo e se tornem como habitantes do céo.

Porque todos estes dons são tão grandes, o porque mostram abundantemente a immensa bondade do Espirito Santo para conosco, convidam-nos, por outro lado, a testemunhar-lhe o mais possivel submissão e piedade. Attingirão tambem perfeitamente os christãos a este fim, se se applicarem, com zelo sempre crescente, a conhecer, a amar e a pedir a este mesmo Espirito: oxalá que a isso os anime esta exhortação do Nosso paternal coração.

Talvez ainda hoje haja christãos que, interrogados como aquelles a quem o apostolo Paulo perguntava se tinham recebido o Espirito Santo, respondessem como elle: «Mas nós nunca ouvimos dizer que haja Espirito Santo.» Se assim não é, é certo que muitos não conhecem este Espirito; appellam muitas vezes para o seu nome na realisação dos actos religiosos, mas a sua fé está envolvida de trevas.

Porisso todos os oradores da cadeira sagrada e todos aquelles a quem está confiada a direcção das almas, deverão recordar-se que lhes pertence distribuir com mais zelo e com fructo ao povo os ensinamentos relativos ao Espirito Santo, mas de modo que se não entre em controversias dolorosas e subtis e que se evitem as vãs emprezas d'aquelles que se esforçam imprudentemente em prescrutar todos os mysterios divinos.

E' preferivel lembrar e expôr largamente os numerosos e grandes beneficios que d'esta fonte divina manararam e manam ainda sem cessar sobre nós, de modo que o erro e a ignorancia relativos a taes graças, erro e ignorancia que são indignos dos filhos da luz, sejam completamente dissipados. Se nos mostramos tão sollicito n'este ponto, não é sómente porque se trata d'um mysterio que nos conduz directamente á vida eterna, e por consequencia no qual devemos firmemente crer, mas tambem porque, quanto mais o bem é clara e completamente conhecido, mais é amado.

Assim, advertimos que tataríamos este assumpto:—deve amar-se o Espirito Santo porque Elle é Deus. «Tu amarás o Senhor teu Deus do todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças.» (Deut., VI, 5.) Deve tambem ser amado, porque Elle é o amor substancial, eterno, o primeiro amor; ora nada ha mais amavel do que o amor; Elle deve ser amado tanto mais que nos ha cumu-

lado dos maiores beneficios, que dão testemunho da sua munificencia e requerem a nossa gratidão.

Este amor offerece um duplo fructo, por certo bem apreciavel, que nos animará a conhecer mais e melhor o Espirito Santo. «Aquelle que ama, com effeito, como diz o doutor Angelico, não se contenta com uma vista de olhos superficial do objecto amado, mas esforça-se por procurar tudo o que toca o intimo d'aquelle e penetra de tal modo no seu ser, que do Espirito Santo, que é o amor de Deus, se diz que Elle escruta mesmo as profundezas de Deus.» (Summa, th. 1.^a e 2.^a, q. XXVIII, a 2.) Gratificar-nos-ha, pois, com dons celestes tanto mais abundantes quanto maior fór a gratidão que lhe testemunhemos, porque se a frieza d'aquelle que recebe comprime a mão d'aquelle que dá, o amor e o reconhecimento alargam, pelo contrario, essa mão.

E' mister, entretanto, comprehendere bem que este amor não consiste n'um arido conhecimento e n'uma deferencia puramente exterior; mas que deve ser prompto em operar, e em evitar sobretudo o peccado, que é tanto mais culposo que visa especialmente o Espirito Santo. Todos, taes como somos, de facto depndemos da bondade divina, que é attribuída especialmente ao Espirito Santo; aquelle que pecca, offende este Espirito bomfeitor; abusando dos Seus dons e da Sua bondade, torna-se cada vez mais audacioso. Acrescenta-se a isto que, sendo este Espirito de verdade, se alguém pecca por fraqueza ou ignorancia, talvez tenha desculpa aos olhos de Deus; mas aquelle que por malicia se oppõe á verdade ou se afasta d'ella, pecca gravissimamente contra o Espirito Santo. Ora este vicio tem tomado, nos nossos tempos, tal desenvolvimento, que parece chegada essa epoca perversa, predita por S. Paulo, em que os homens, cegos pelo justissimo juizo de Deus, olharão o que é falso como verdadeiro e crerão, como se fóra o mestre da verdade, o *principe d'este mundo*, que é mantiroso e o pai da mentira: «Deus lhes onviará artifices do erro afim de que elles creiam na mentira. (II Thess., II, 10.) Em tempos proximos, alguns se afastarão da fé, ligando-se ao espirito do erro e ás doutrinas dos demonios.»

Mas porque o Espirito Santo, como Nós já dissemos, habita em nós como no seu templo, ha razão para lembrar este conselho do Apostolo: «Não contristeis o Espirito Santo de Deus, com o qual estaes marcados.» (Eph., IV, 30.) E não basta fugir do mal; o christão deve, além d'isso, ter o esplendor de todas as virtudes, afim d'agradar a um hospede tão poderoso e tão beneficente; entre essas virtudes devem brilhar, em primeiro logar, a pureza e a santidade, que são os caracteres que convém a um templo.

E' proprio que o mesmo apostolo nos diz: «Não sabeis que sois o templo de Deus e que o espirito de Deus habita em vós? Ora, se alguém viola o templo de Deus, Deus o perderá; o templo de Deus é santo, com effeito, e é o que vós sois.» (I Cor., III, 16, 17.) Ameaças terriveis, do certo, mas muito justas.

Emfim, é mister orar e supplicar o Espirito Santo, porque não ha ninguém que não tenha grande necessidade do seu auxilio. Todos nós, como effeito, somos desprovidos de sabedoria, de forças, acalbrunhados de provações, com propensão para o mal; todos, por consequencia, devemos procurar um refugio junto d'Aquello que é a fonte eterna da luz, da força, da consolação, da santidade.

E o bem sobretudo necessario aos homens, que é a remissão dos peccados, é a Elle principalmente que devemos pedir-o: «O caracter proprio do Espirito Santo, é que Elle é o dom do Pai e do Filho, a remissão dos peccados faz-se pelo Espirito Santo como que por um dom de Deus.» (Summ. th. 3.^a, q. III, a 8 ad 3.^a) Este Espirito é objecto d'uma asserção mais

explicita no ritual: «Elle é a remissão dos peccados.» (Fer. III post. Pent.)

A maneira como lhe devemos pedir, claramente nol-a ensina a Egreja. Ella supplica-lhe e conjura-o com os nomes mais suaves: «Vinde, pae dos pobres, vinde, distribuidor das graças, vinde, luz dos corações, consolador excellente, doce hospede da alma, nosso suave refugio.» Conjura-o a lavar, purificar, banhar nossos espiritos e corações, a dar áquelles que tem confiança n'elle o mercimento de suas virtudes, uma *feliz morte* e a *alegria eterna*. E não se pode duvidar que ouvirá estas orações Aquelle de quem foi escripto: «O proprio Espirito supplica por nós com gemidos inenarráveis.» (Rom., VIII, 26).

Emfim é necessario podir-lhe assiduamente e com confiança, que nos esclareça cada vez mais, e nos abraze por assim dizer, com as chammas do seu amor, afim de que amparados na fé e na caridade caminhemos diligentemente para as recompensas eternas, pois é elle a garantia da nossa herança. (Eph., I. 14.)

Já vistes, Veneráveis Irmãos, os avisos e exhortações que Nos aprouve publicar para promover o culto do Espirito Santo. Não duvidamos que estes conselhos, com o auxilio do vosso zelo, produzirão fructos excellentes no povo christão. Para que assim seja, não pouparemos pelo Nosso lado nenhum esforço e propomo-nos alimentar e fazer progredir esta piedade por todos os meios que Nos pareçam convenientes.

Mas como ha dois annos, na Nossa encyclica *Provida matris* recommendamos para o Pentecostes orações proprias para aressar a realisação da unidade christã, apraz Nos adotar a este respeito medidas mais geraes.

Decretamos portanto e ordenamos que em todo o mundo catholico, n'este anno e em todos os seguintes, se faça uma novena antes do Pentecostes em todas as egrejas parochiaes e, se o Ordinario o julgar util, nas outras egrejas e sanctuarios. A todos os que tomarem parte n'esta novena e orarem segundo Nossas intenções, concedemos em Deus uma indulgencia de sete annos e sete quarentenas por cada dia, e uma indulgencia plenaria em algum d'esses dias, ou no da propria festa de Pentecostes, ou n'um dos dias da oitava a todos aquelles que, tendo-se confessado e commungado, orarem piedosamente pelas Nossas intenções.

Queremos tambem fazer participar d'estes beneficios aquelles, que por justo motivo estiverem impedidos de tomar parte n'estas orações publicas, ou aquelles em cuja egreja não possam ser feitas, a juizo do Ordinario, se todavia fizerem uma novena particularmente e cumprirem as outras condições prescriptas.

Além d'isto, apraz-Nos conceder perpetuamente, do thesouro da Egreja, áquelles que em publico ou em particular recitarem todos os dias, segundo sua piedade, orações ao Espirito Santo, desde a oitava do Pentecostes até a festa da Santissima Trindade, e satisfizerem as outras condições, a faculdade de ganharem as duas indulgencias. Tambem concedemos que todas estas indulgencias possam ser applicadas por suffragio as almas do Purgatorio.

Agora o Nosso espirito volta aos mesmos votos que ao principiar emitimos. Pedimos e pediremos ao Espirito Santo, em ardentés orações, a sua realisação. Associaes-vos, Veneráveis Irmãos, a estas supplicas, e juntem todas as nações catholicas suas vozes á Nossa, recorrendo á intercessão da poderosissima e bemaventurada Virgom. Sabeis quam intimos e admiráveis laços a unem ao Espirito Santo, de quem é chamada esposa immaculada. A sua oração foi efficacissima para o mysterio da Encarnação e para a descida do Espirito Santo sobre os apóstolos.

Reforce Ella nossas communs orações, afim de que, para todos quantos penam no

mundo, realise o Espirito Santo os prodigios celebrados na propheta de David: «Enviareis o vosso Espirito Santo o tudo será creado o renovareis a face da terra.» (Ps. c. III, 30.)

Como promessa dos favores celestes e prova da Nossa benevolencia, recebei, Veneráveis Irmãos, para vós e vosso clero, e para o vosso povo, a benção apostolica, que affectuosissimamente vos concedemos no Senhor.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, a 9 de maio de 1897, vigessimo anno do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

SECÇÃO DOUTRINAL

A confissão sacramental

IV

ORDENA a Egreja que todo o fiel christão, logo que chegue ao uso de razão, se confesse AO MENOS UMA VEZ NO ANNO. Por costume antiquissimo cumpre-se este preceito no tempo quaresmal, não só por ser o tempo mais proprio da penitencia, mas por causa da communhão da Paschoa.

Este costume está approvedo pela Egreja, e tem sido recommendado e louvado por muitos concilios particulares e constituições diocesanas.

Sobre este ponto deve cada um observar o que é determinado na sua respectiva diocese.

O que fica dito entende-se quanto ao preceito propriamente ecclesiastico.

Contudo, por preceito divino, é o christão obrigado a confessar-se quando, por exemplo, se acha em estado de culpa grave, ou em perigo de vida, ou quando tem de receber outro sacramento.

Em alguns casos póde supprir a contrição; mas a confissão é sempre o meio mais seguro de obter a reconciliação com Deus. E' o meio mais seguro, e em muitos casos é de absoluta necessidade, como já fica dito.

O tribunal do sacramento da Penitencia está sempre aberto ao arrependimento e á desgraça.

Alli encontra o peccador o mais compassivo de todos os consoladores, o mais seguro de todos os amigos, o mais discreto de todos os confidentes.

Perdida a innocencia, depois da regeneração baptismal, é de necessidade a confissão, que é a *segunda taboa depois do naufragio*, como lhe chamam os Santos Padres e varios concilios.

Em vista d'isto, que é incontestavel, como é que o christão, conscio do seu dever, não recorre frequentes vezes áquella fonte, a buscar o remedio ás suas faltas? Porque é o unico remedio.

A Egreja manda-o assim fazer *ao menos uma vez cada anno*.

Muito bem. Mas isto não quer dizer senão que ella deseja que assim se faça muitas vezes; e muitas vezes se torna isso necessario.

E, depois, se uma boa confissão é o acto mais difficil, além de ser o mais custoso e repugnante ao commum dos fieis, é quasi impossivel que se confesse bem o que só uma vez no anno procura a confissão.

Porque vae forçadamente, por uma mera cerimonia, sem espirito religioso. Vae á *desobriga*, que alguns chamam *obriga*, querendo dizer que se confessam só para cumprir o preceito externo, sem necessidade espiritual, etc., etc.

Uma confissão n'estas condições poderá ser bem feita?

Eu não fallo, repito mais uma vez, d'aquelles que tem formal descrença religiosa, que nunca procuram a confissão, e cujo numero cresce progressivamente.

Fallo d'aquelles que se dizem christãos e que se confessam apenas uma vez no anno, por cerimonia. . .

Não equivalerá isto a uma descrença?

Vem aqui a proposito o seguinte facto do celebre prégador Fr. Alexandre Palhares, fallecido em 1811.

Prégou elle em Coimbra, em quatro tardes da quaresma.

Principiou assim:

«Que thema tomarei eu hoje, para vos converter? Até agora foi da Escripura, agora será da Tradição.»

Em seguida recita o Credo inteiro, e depois continuou:

«Este é o symbolo da nossa fé, que nos vem de tradição apostolica, que foi cantado em Nicea, em Epheso, em Chalcedonia, em Constantinopla, em vinte e um concilios geraes, sempre até chegar a Trento.

«Eu sou aquelle que até aqui vos préguei por estes pulpitos da cidade, com força, a moral do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Christo, arguindo, rogando, reprehendendo, em paciencia e doutrina; mas hoje, desenganado já do pouco fructo que tenho tirado, mudo de systema: não quero prégear a moral, quero prégear o dogma.

«As obras contra a lei podem nascer ou dos corações corrompidos ou das cabeças allucinadas; já pelejei contra os corações corrompidos pelo vicio, agora pego nas armas, para pelejar contra as cabeças allucinadas pela mentira. Aqui ha falta de fé. *Qui credit Deo, attendit mandatis*.

«Os homens não são tão loucos como se pensa, para que, depois de terem conhecido verdadeiramente os seus interesses, interesses que respeitam ao seu destino eterno, não façam caso das verdades terriveis d'uma religião santa! Aqui ha falta de fé.

«Se mofam, se brincam, se vão cor;

rendo em seus caminhos pessimos, é porque não acreditam!!»

E passou a prégar sobre a verdade da religião: o que fez em todas as outras tardes, principiando sempre pelo mesmo thema, recitando o credo inteiro.

Ora muito bem.

Com mais razão se deve dizer hoje o mesmo com relação á confissão sacramental: aqui ha falta de fé. A maior parte da gente confessa-se por cerimonia. Uma grande parte não procura a confissão.

E', pois, necessario prégar contra as confissões mal feitas, e, além d'isso, instruir os povos sobre a verdade da confissão e as suas condições essenciaes. Hoje mais que nunca.

Não só os antigos Padres e Doutores da Igreja, mas ainda os mais proximos de nós, Santo Antonio, S. Bernardino de Sena, S. Thomaz de Villanova, o V. João de Avila, S. Francisco de Sales, S. Carlos Borromeu, Bellarmino, Luiz de Granada, Bartholomeu dos Martyres e outros muitos, levantaram a sua voz contra as confissões mal feitas, fazendo vêr que muitas pessoas se condemnaram por esta causa.

As confissões são mal feitas, como temos visto, por falta das disposições necessarias no penitente. E tambem da parte do confessor.

Diz Bergier:

«Comprehende-se muito bem quanto a função de confessor é delicada, perigosa e terrivel a respeito de todos os fieis sem excepção; quanto ella requer de luzes e virtudes.»

E' uma cousa innegavel. E depois continúa o grande apologista da religião:

«Deve-se reconhecer a sabedoria das precauções que tomam os Bispos, para não admittir ninguem senão depois de um rigoroso exame.»

Entende-se facilmente que o exame para confessor deve ser o mais rigoroso; e tambem que nem todos os sacerdotes deviam ser approvados para esse fim, ainda que fossem dotados de boas qualidades.

E' uma regra geral, que nem todos estão habilitados para tudo. Isto verifica-se sobretudo no ministerio de confessor, que é uma função delicada, perigosa e terrivel.

Não examino aqui se realmente em nossos dias o exame de confessor é feito na devida fórma, em Portugal; apenas digo que este exame deve ser rigorosissimo, como ensinam todos os theologos, e a mesma razão o dicta.

Uma das primeiras qualidades que deve possuir o confessor, para administrar digna e fructuosamente o sacramento da Penitencia, é a sciencia. Um confessor ignorante é um cego que conduz outro cego,

Não basta que seja virtuoso, ou ainda adornado de santidade, se não tiver a necessaria sciencia. Santo Ambrosio (Serm. sobre o psalmo 118) diz textualmente: «*Timor Domini, nisi sit secundum scientiam, nihil prodest.*»

E', pois, indispensavel ao confessor a sciencia, principalmente de theologia dogmatica e moral e do que pertence á administração dos sacramentos. E' preciso um estudo constante.

Não deixarei de recomendar em especial para este fim o *Manual dos Confessores*, do Padre Gaume. E tambem o *Confessor da infancia e da mocidade*, pelo Padre Cros, da Companhia de Jesus. Contém regras que servem para confessar a todos os fieis.

E' tambem um optimo livro para evitar o laxismo e o rigorismo n'esta materia o que escreveu o Padre Balthasar Francolini, da Companhia, e que se intitula *Clericus romanus contra nimium rigorem munitus*.

Sobretudo, é necessario ler attentamente as obras moraes de Santo Affonso de Liguori. Geralmente não se considera bem este santo doutor, principe da theologia moral.

O ecclesiastico, que assim munido, se apresentar no confissionario, pôde exercer dignamente o seu ministerio.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

A Lourdes!

A LOURDES, aos pés da Virgem, catholicos portuguezes!

A Lourdes, a pedir á Immaculada Conceição pelas necessidades espirituaes e temporaes da Igreja, especialmente da portugueza, e da nossa querida patria!

A Lourdes, a satisfazer a promessa que, ha quatro annos, fizemos a Nossa Senhora, de lá voltarmos em peregrinação nacional, a pedir-lhe que lance olhos misericordiosos para nós todos e faça que a fé se fortaleça nos corações portuguezes!

A Virgem Santissima quer que visitemos aquelle logar santificado pela sua presença, onde Ella se dignou d'apparecer á humilde pastorinha Bernadette Soubirous.

Povos de longes terras alli acodem. Não são só as povoações dos confins da França que vão em piedosa romagem a Lourdes: são os povos de todas as nações. A propria America lá tem enviado filhos seus, em romagem collectiva.

E nós, que podemos transpor em dois dias a distancia que nos separa de Lourdes, deixaremos d'ir visitar

Lourdes, a estancia de predilecção da Virgem?

Demais, a epocha em que tencionamos ir a Lourdes, se não é a mais propria por ser na estação calmosa, é, por certo, aquella em que a Virgem Santissima costuma dispensar mais largamente em Lourdes as suas graças aos seus filhos.

Todos os annos, em agosto, se realisam alli curas sobrenaturaes. A grande peregrinação franceza, que alli vae no mez d'agosto, composta ordinariamente de 20 a 30 mil peregrinos, nunca se retira sem ter obtido, por intercessão da Virgem, curas maravilhosas nos seus doentes, que alli foram procurar a saude do corpo, quando não a da alma.

E que arrebatador espectaculo de fé se presencia nos dias em que a peregrinação franceza está em Lourdes!

Milhares e milhares de pessoas, de joelhos em terra e braços abertos, dirigem, em frente das piscinas, ferventes preces á Virgem pela cura dos doentes.

E que consolação, que alegria incomparavel, que pranto tão sentido se não experimenta quando se vê sair das piscinas, completamente curado, entoando o *Te-Deum*, um paralytico, um tísico, um chagoso, que pouco antes para lá entrou vergado ao peso das suas dolorosas enfermidades!

E' um espectaculo nunca visto! E' um vislumbre do Céu na terra!

A Lourdes, catholicos portuguezes, a Lourdes!

A peregrinação portugueza chega a Lourdes quatro ou cinco dias antes da grande peregrinação franceza, para fazer os seus actos collectivos e para poder visitar o sanctuario de Lourdes sem os grandes apertos. Chegada a peregrinação franceza, cessam os actos collectivos da peregrinação portugueza e os nossos peregrinos podem ficar para assistir á peregrinação franceza, que se não demora mais do que tres ou quatro dias.

Os peregrinos portuguezes, podem, pois, se quizerem, assistir áquelle grande acto de fé e crença; e os que não quizerem, ou não poderem, podem, depois de terminada a nossa peregrinação, regressar á patria.

A Lourdes, catholicos, a Lourdes!

A Lourdes, aos pés da Virgem!

A peregrinação portugueza será presidida pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso, digno Bispo de Himeria e Prelado de Moçambique.

Subscrição a favor de peregrinos doentes ou pobres a Lourdes

Para que mais agradável seja a Nossa Senhora a peregrinação portugueza a



S. NORBERTO, BISPO E FUNDADOR

Lourdes, muito convém que levemos na nossa companhia alguns doentes e peregrinos que tenham desejo de ir alli, mas que, por falta de meios, o não possam fazer. Abrimos, pois, uma subscrição a favor d'elles, esperando que para essa subscrição concorram não só os que vão, mas os que ficam.

Redacção do *Progresso Catholico* 5,000

SECÇÃO HISTORICA

Campana de Bellilha

A CERCA de 25 kilometros de Saragoça, cidade de Aragão, jaz Bellilha, e na torre da igreja d'esta villa, avulta o primeiro sino que S. Paulino mandou fundir, o qual foi benzido por um Bispo que no altar da mesma igreja ainda hoje se vê pintado, com o sino ao pé, na attitude da cerimonia, etc.

etc.; mas vamos ao que importa, e seremos breve, para não enfadar:

E' fama no reino de Aragão que esta *campana*, todas as vezes que havia de succeder alguma coisa notavel, tocava por si, cuja tradicção Gaspar Barreiros, escriptor de nome, ajuda a defender no seguinte periodo:

«Dizem que quando este sino se tange por si, o faz em cruz, e tão lamentavelmente que quebra e corta os corações dos que o ouvem com dôr e tristeza, como por exemplo succedeu, quando em 1498 falleceu em Saragoça a Rainha de Portugal, D. Izabel, mulher do nosso Rei D. Manuel, e em 1539, morreu a Imperatriz do mesmo nome, filha mais velha do supradicto Rei, esposa do Imperador Carlos V.»

E porque julgamos superfluo adduzir mais exemplos, vamos terminar por dizer que, d'um *tractado* impresso dedicado ao Conde d'Olivares, consta que a ultima vez que este prodigioso sino tocou por si, foi significando a feliz *Restauração de Portugal* por D. João

IV, em que o doutor João Pinto Ribeiro tomou tão grande e gloriosa parte, como que dando sentidos pezames aos Reis de Castella pela morte de Portugal, para elles já defuncto, visto que ia deixar de ser sua preza.

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO CRITICA

Pariz!

A TODOS tocou-nos no vivo aquelle grande facto enluctador que ha pouco se deu em Pariz, cujas circumstancias principaes são hoje tambem conhecidas de todos. Altos juizos de Deus! No meio d'aquella magna desgraça não houve uma palavra nem uma circumstancia que attestasse desespero, nem se podia dar, por isso que não desesperam os que padecem e morrem

n'um acto de caridade e foi-o aquelle Bazar, promovido e constituido em favor de differentes obras verdadeiramente caritativas. Grandioso aquelle acontecimento no sentido de offerecer assumpto para grandiosa e varia meditação: Facto religioso catholico com as honras de martyrio; testemunho da dedicação catholica superior a todas as mentiras e intrigas tecidas pelos inimigos da Religião Catholica Apostolica Romana; exemplo de amor a Deus, e ao proximo por amor de Deus; prova de acção no serviço dos principios eternos; desengano estrondoso das cousas do mundo sem desfazer o merito d'aquella caridosa iniciativa; abalo fortissimo para as consciencias, qualquer que fosse o estado d'estas; correcção para os corrigendos e dando como penhor a misericordia infinita; áleria! aos parizienses, aos francezes, aos habitantes do orbe; por estes e outros pontos similes foi discursando apostolicamente o reverendo dominicano Olivier em sua oração funebre na Cathedral de Pariz quando as exequias por alma das victimas do grande recente incendio em Pariz.

A' gente mundana e da moda que não falta na capital da França, não agradou a parte da oração funebre do reverendo Olivier, na qual elle procurou com singeleza missionaria tirar partido d'aquella grande catastrophe para unir os homens nos principios eternos, e tal desagrado fez pressão (segundo é referido) no presidente da Republica, levando este a chamar áquelle respeito a attenção do Eminentissimo arcebispo de Pariz, que presidiu ás referidas exequias e ouviu a oração funebre sem que n'esta notasse motivo para reprehensão; tendo porém de responder ao reparo do presidente da Republica disse-lhe nos termos mais cortezes: «Que antes da oração funebre do reverendo Olivier ser proferida na cathedral de Notre-Dame em Pariz, elle, Eminentissimo arcebispo, não tinha tido conhecimento do *thema* escolhido por aquelle orador!» Esta resposta foi digna d'um dos successores dos Apostolos! O pulpite, a cadeira da verdade, não é para agradar aos homens, mas sim a Deus, que sustenta as condições da Santa Liberdade do orador sagrado n'estas palavras: *Verbum meum non est alligatum!* O incidente referido a respeito da oração funebre ha pouco recitada pelo reverendo Olivier faz-nos lembrar o pedido feito a outro reverendo prégador: «Oh senhor Padre! teremos muito gosto em ouvil-o, mas não nos falle do inferno!» O pio e sabio prégador apenas se condoeu de tal pedido; foi elle proprio que nol-o contou.

A gente do mundo molesta-se quando ouve qualquer cousa que sahe de bocca auctorizada que a adverte ou a

reprehende. Quantos dos que ouviram ou lêram o que disse o reverendo Olivier n'aquella occasião, ignorariam ou estavam esquecidos da verdadeira doutrina? E o dignissimo orador entendeu em seu zelo pela gloria de Deus e salvação das almas não perder o ensejo para apostolisar; bem haja! «A catastrophe do Bazar de Caridade foi a expiação dos erros da França».

Foi a passagem da referida oração funebre que produziu o reparo pharisaico de certos senhores ou senhorios em Pariz; as familias das victimas não se queixaram.

Grande é a generosidade da França quando se tracta de acudir a uma grande necessidade! a subscripção a favor dos fins caritativos para os quaes foi promovido aquelle Bazar destruido pelo pavoroso incendio; tal subscripção se não toca já vai caminhando para tocar ou exceder a somma, que se calcula dever ter sido o total rendimento ou producto do mesmo caritativo Bazar. Altos juizos de Deus!

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Traducção do Officio de Nossa Senhora

Embora não se lucrem Indulgencias, pode licitamente cada fiel usar do Officio de Nossa Senhora em portuguez, comtanto que a traducção haja sido approvada pelo Ordinario, como se deprehende do seguinte decreto:

O Bispo de Bois-le-Duc, Guilherme Van de Ven, em abril do anno de 1896, pediu humildemente á S. Congregação dos Ritos a solução das duvidas seguintes:

I Poderá o Prelado, por auctoridade ordinaria, approvar a traducção em lingua vernacula do Officio pequeno de Nossa Senhora, do Breviario Romano?

II Poderá o dito Officio, assim traduzido e approvado, ser editado e usado pelos fieis, residentes na diocese de Bois-le-Duc, principalmente pelas Congregações religiosas de ambos os sexos?

A S. Congregação dos Ritos, a 24 do mesmo mez e anno, depois de ouvida a Commissão liturgica e ponderada cuidadosamente a questão, houve por bem responder:

Ad I—*Affirmative*.

Ad II—*Affirmative*, mas unicamente na recitação particular.

Caet. Cardeal Aloisi-Mazella, Prefeito.
Luiz Tripepi, Secretario.

(*Le Canoniste*, vol. 20.º, pag. 103. 104.)

SECÇÃO LITTERARIA

Hymno ao Sagrado Coração de Maria

A' Rainha dos Anjos sagrado,
E' das flôres o mez findo já;
Dedicado o formoso dos fructos
Ao Amor soberano será.

Côro

Vinde, vinde, Anjos do empyreo,
A nós, mortaos, ensinar
Hymnos alegres e santos,
Quaes só vós sabeis cantar.

Eia pois, ó christãos! reunidos,
Tendo a cruz por divino pondão,
Dôces cantos com jubilo entoemos
De Jesus ao fiel Coração.

Por amor piedoso impellido,
Das alturas o Verbo baixou,
Humanou-se, soffreu, doutrinou-nos,
Por salvar-nos na cruz expirou.

E nós, gratos, da vida os caminhos
Com piedade trilhemos e ardor,
Tributando a Jesus mil affectos,
De nossa alma gerados no amor.

E se o mundo com torpes ciladas
Nossos peitos quizer seduzir,
Nossas bôccas unanimes bradem:
Só queremos a Christo servir!

Só assim do *desterro* da terra
Lograremos a *patria* ascender,
Onde é summa e perenne a ventura,
E não ha nem soffrer nem morrer.

Como é bello das aves o canto,
Quão formosos os campos em flôr!
Pois mais suave é dos céos a harmonia,
Mais ditosa a mansão do Senhor.

Abençoe, Deus de amor, vosso povo,
Piedoso escutae sua voz;
Olhae seus corações anciosos,
Que continuo suspiram por vós.

Se magnifico exemplo nos déstes
Padecendo por nós, ó Jesus,
Fazei que resignados levemos
D'esta vida de prantos a cruz.

E p'ra um dia feliz merecermos
Ir gozar vossa eterna visão,
Permitti que hoje e sempre moremos
N'esse terno e leal Coração.

A. MORREIRA BELLO.

SERÕES D'ALDEIA

De dia vergado ao pezo da enchada
Mas que? Se em casa não possue uada
Para manter os filhos! e então
Trabalha, para que ao menos o pão
Não falte.

Almoça uma codea dura
E lagrimas de paternal dôçura
Correndo pelas faces maceradas
Depois co'as mãos robustas, callejadas
Lá vae, seguindo o seu triste fadario
P'ra ganhar o diminuto salario.
Findo o dia com infausto prazer
Corre a casa onde os filhos, a mulher
Já o esperam com anciedade.
Eis a sua melhor felicidade.

Contar eu quero n'esta occasião
Dos pobres o monotonu serão.

Chegou a noite. O pobre jornalista
Larga o trabalho, caminha ligeiro
A casa. Esquece as fadigas do dia.
Reza o terço co'os seus, em harmonia.
Um filho geme transido com frio.
Outro mais velho com modo sombrio,
Ralha ao terceiro, tudo remexendo
E o quarto com o frio tremendo
Volve à mãe um olhar supplicante,
Que fatigada dorme ha um instante.
Só o infatigavel velho reza
O terço; mas por fim se encosta á meza,
Mas ai! não dorme mais de meia hora
Acordado por um filho que alto chora.

O vento, furioso, descablado,
Terrível, pelo tecto esburacado
E p'las paredes meias demolidas
Fustiga o grupo que de mãos erguidas
A' Virgem reza p'la segunda vez.
A mãe a refeição mesquinha fez.
Findou a ceia. O filho mais velho
Na aula dos companheiros bom espelho
Lê á familia com voz all utada
Uma lição da Biblia Sagrada.

Emquanto fóra se ouve o rijo vento
O pequeno abre o Novo Testamento.
—Um dia, diz, um moço angustiado
•Sua riqueza, que tem disfructado
•Lança aos pés do D'us, Mostre da doutrina
•Do Pae, que com sob'rano amor ensina.
•O Deus que do moço a resolução
•Vê, volta-se e lhe diz com mansidão:
—Vae, moço, vende quanto possuires
•Toma a tua cruz. Para me seguires
•Precisas a ti mesmo te abnegares
•P'ra n'outra vida gosos disfructares.»

O pae conhecedor d'esta lição
Manda ler a historia de Sansão.
O pequeno c'o os olhos já fechados
Olha para seus paes, embasbacados
Ouviendo essa leitura tão sagrada
Divina, duradoura, immaculada,
De novo torna a ler emquanto o lume
Arde exhalando exquisito perfume
Os mais pequenos 'stão já a dormir
O pae, forças titaneas a ouvir,
E nota na leitura o embaraço
Do filho... (que dormita em seu regaço)
Murmura o pae afflicto:—Deus me valha,
•Ficar assim em meio, isto não calha
•Que fazes, rapaz? Dormes?! Então lês?
•Onde... é onde diz:—outra vez...

Mas do vento fortissima rajada
Mudou as folhas da Historia Sagrada.

J. P. MINEIRO.

MISSA

M. de Fontanes, descrevo-a assim:
Solemne instante! O povo ajoelhado,
O templo com seus porticos musgosos,
Velhos muros, luz frouxa, e as vidraças
De gothicas pinturas, bronzee lampada,
Mytho ancião do sol, da eternidade
Luz, perante o Senhor, de noite e de dia;
D'um Deus a magestade a nós baixada,
O voto, o pranto, o incenso á ara erguido,
E as tenras formosuras que veladas
Por olhos maternas mais dulcificam
Com as candidas vozes as tão ternas
Pompas da religião; o piedoso
Silencio que succede á voz do orgão,
A mystica junção de ceus e terra,

Tudo inflamma, transporta e move o crente
Que crê passado ter a invios mundos,
Onde o anjo immortal em aureas harpas,
Canta aos pés do Senhor perpetuo hymno:
De toda a parte então um Deus se escuta;
Ao sabio não se mostra, mas revela-se
Aos ternos corações: sua presença
E' mais para sentir-se, que para provar-se.

(GENIO DO CHRISTIANISMO).

S. Camillo de Lellis

(Continuação)

NO DAVIA, succedeu como ordinaria-
mente acontece em casos analo-
gos; passados alguns dias, dizia-se em
voz baixa pelo povoado que o Padre
Correia, o bom vigario, promettia uma
surpreza no dia da festa. Se se pergun-
tasse quem o havia dito, ninguem o sa-
beria responder, mas nós que desven-
damos os mais reconditos pensamentos
e açções dos personagens que figuram
no conto, podemos afoitamente declarar
quem deu origem ao boato espalhado
tão rapidamente.

O sr. regedor, o nosso regedor, apenas
o dissera a sua mulher; mas esta, para
não desmerecer o epitheto de falladora,
tão proprio do seu sexo, o communicara
a uma vizinha, esta a uma comadre, a
comadre á padeira, a padeira á forneira,
a forneira a quatro ou cinco
amigas, estas a mais vinte ou trinta...
e generalisou-se o segredo.

O que porém todos ignoravam, era
de que constava a surpresa. Isso é que
o regedor não dissera á mulher, porque
então, com certeza se saberia como se
soube o resto.

V

Vamos entrar na festa.

Poucas horas nos faltam para assis-
tirmos a esse movimento alegre dos habi-
tantes do povoado.

Divisaremos as esplendidas e luxuosas
ornamentações do templo, a riqueza dos
adornos, a galhardia dos estandartes,
a azafama dos mordomos da confraria,
o jubilo do padre, o entusiasmo do
povo enfim, mas antes d'isso, ainda te-
mos que lançar a vista para outra
parte.

Estamos n'uma sexta-feira, e a festa
é celebrada no domingo seguinte.

N'um caminho aspero e pessimo que
atravessa enormes matagaes e gigan-
tescos arvoredos, encontramos um jo-
ven de 20 annos, de estatura regular,
olhos negros, cabellos escuros bem pen-
teados, sympathico no geral, com um
mimoso bigode a enobrecer-lhe o labio
superior; vem a cavallo n'um burrinho
luzidio, gordo, nedio e asseiado.

Chama-se Alvaro de Carvalho e é fi-
lho de Francisco d'Almeida Carvalho,
o regedor.

Se alguem nos perguntar se estes

Carvalhos eram parentes de Fernando
Carvalho, dir-lhe-hemos que sim, apesar
de ser um parentesco já muito afas-
tado, e quasi desconhecido por elles
proprius.

Mas deixemos isto; não acho muito
essencial para a continuação do conto
o desvendarmos a genealogia de um
Francisco d'Almeida Carvalho e Fer-
nando Carvalho.

São parentes? pois que o sejam e lhes
sirva de proveito.

Alvaro de Carvalho vinha pois mon-
tado no jumento; ia meditabundo, me-
lancholico e pensativo. Havia mais de
cincoenta minutos que transitava por
aquelles caminhos medonhos, sem diri-
gir uma unica palavra ao creado que
o acompanhava, um mocetão de trinta
e quatro annos de idade (?).

No momento em que nós o vamos
encontrar, lhe perguntou elle simples-
mente:

—Então, Bernardo, tens a certeza
de que ella offereceu um quadro a S.
Camillo, para ser vendido no bazar?

—Se tenho a certeza? ora essa! Pois
se eu mesmo já o vi com estes meus
olhos, meu rico menino! E olhe que nun-
ca tive a dita de admirar obra tão ga-
lante. Que perfeição! A Nossa Senhora
parece mesmo viva, só o meu rico me-
nino é que podia ter a ventura de ser
amado por um anjo tão perfeito como
a menina Isabel.

—Cala-te, tonto! Bem sabes tu se ella
me ama ou não...

—Credo! respondeu convicto o Ber-
nardo, S. Camillo nosso patrono me
valha, se eu não leio nos olhos d'ella
como em livro aberto. Meia volta d'aqui,
meia volta d'ahi, anda sempre a per-
guntar se o meu rico menino escreve,
se diz gosar saude, se está contente e
muitas coizas mais. Até parece incri-
vel como ella faz essas perguntas.

Alvaro nada ajuntou; pensava que
igual amor, um amor vehemente e em
grau elevadissimo nutria pela filha do
fidalgo, julgando quasi impossivel a
posse da sua mão; mas o que elle igno-
rava, é que tinha na aldeia um advo-
gado a defender-lhe a causa, o Padre
Correia. Era rara a vez que estava
com o sr. de Carvalhaes, que lhe não
fallasse no enlace provavel entre sua
filha e o filho do seu amigo regedor.

—Tão bom rapaz, temente a Deus,
caritativo, modesto e brevemente com
o diploma de medico... commentava
elle.

Eram argumentos que faziam calar
o fidalgo, cioso pelos seus pergami-
nhos.

Alvaro ignorava esta advocacia des-
interessada, cuja unica mira era a
união dos dois entes tão queridos e tão
dignos da amizade do Padre Correia.

O que sabia (se sabia!...) era que

amor tão santo, profundo, sublime e digno jámais albergaria no peito. Era uma d'essas affeições sympathicas e indefiníveis que nascem espontaneamente dentro de nós, e que são duradoiras e eternas quasi sempre.

Depois de meditar por algum tempo, concluiu, fallando um pouco alto, e pensando adivinhar que variedade de pensamentos se lhe agitavam no cerebro.

—Não importa. As minhas economias são relativamente avultadas e com algum dinheiro que meu pae me dê, comprarei o quadro que ella offereceu a S. Camillo. E' questão resolvida e assente.

Mais nada disse até chegar ao povoado.

A' entrada das ruas estreitas e tortuosas, das viellas escuras por onde tinha de passar até chegar á casa paterna, todos se levantavam e tirando os chapéus e carapuças, o cumprimentavam familiar e urbanamente. Via ali quasi todos os artistas alfaiates, funileiros, sapateiros e outros, trabalhando á fresca, fugindo da insupportavel atmospheria dos seus cubiculos abafados e cálidos, que o recebiam amigavelmente, benevola e alegremente. A tão inequivocas provas de estima que lhe consagravam todos, respondia elle distribuindo profuzamente sorrisos, ditos, respostas adequadas, acenos de mão, com um mavioso inclinar de cabeça, com palavras urbanas, breves e concisas.

—Olhem, dizia d'ali um velhote, não querem vêr o Alvarinho? Parece mesmo um fidalgo! Ah! meu senhor! e lembrar-me do bello tempo em que o fazia dançar sobre estes joelhos...

—E' tal, como parece. Sempre a rir-se para nós, como se fosse cá da nossa *aquella*.

—O' senhor Alvaro? então vem ri-jinho e valente, hein? Estimo, estimo...

—Que bello moço! O sr. regedor sempre deve estar muito orgulhoso por ter um filho assim! Parece mesmo um santo! Tão bem fallante...

—E sempre a rir-se!?!...

—Pois isso é que é chamar-se bem educado.

Etc., etc., etc.

Todos fallavam do recém-chegado como de pessoa de muita estimação e agrado, e foi por entre taes saudações e cumprimentos que elle chegou a casa do pae onde causou alegrias inauditas, jubilos e contentamentos sem limites.

A recepção que o esperava, foi muito além da que elle julgava encontrar.

Estavam o pae, a mãe, alguns parentes, o Padre, o morgado e a menina Isabel.

Estes dois ultimos achavam-se ali sob o pretexto de tratarem de assumptos referentes á festa; mas franca-

mente fallando, e quasi que, como entre parenthesis, o fim que levava o pae a acompanhar a filha a casa do regedor, não era aquelle. Foi a chegada do Alvarinho, que todos anciavam, e Isabel mais do que ninguem. Isabel amava, e era amada. Nunca o tinha dito, mas deixava adivinhal-o, e por isso, quando o pae lhe fallou na insistencia do Padre relativa ao casamento, apenas tentou melodiar:

—Julgo que o amo, papá... ruborisando-se-lhe levemente as delicadas e assetinadas faces.

E nunca mais fallaram em tal.

*

Estamos pois chegados á vespera do grande dia. Abriram-se, como dissemos no primeiro capitulo, as portas da *kermesse*. O povo conheceu então a surpresa do seu vigario. Essa surpresa era a musica, que executava um esplendido hymno offerecido por Alvaro de Carvalho a S. Camillo.


(Continúa.)

J. P. MINEIRO.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Guardas do templo

(Vid. pag. 123)

 NOSSA gravura representa os guardas do templo mandado construir por Salomão.

*

S. Norberto, Arcebispo e Confessor

(Vid. pag. 129)

S. Norberto, diz o Padre Leão Croiset, d'uma das mais illustres familias d'Allemanha, era filho de Heriberto, conde de Genneli, aliado dos imperadores, e de Hedwiges, ou Hervige, descendente dos duques de Lorena; veiu ao mundo no anno de 1080 na pequena cidade de Santen, no ducado de Cleves. Sua mãe teve um sonho uns dias antes d'elle nascer que lhe annunciava que teriam um filho que seria um dos maiores luminares da Igreja. Os primeiros annos do joven Norberto, não sustentaram essa esperanza. Rico, bem apessoado, cheio de espirito, de um natural insinuante e flexivel, phisionomia nobre e graciosa, sendo além d'isso de um humor alegre e engraçado, deu-se intimamente ao mundo e a todos os seus prazeres.

Norberto era a alma de todos os divertimentos da côrte, de todas as festas. O amor do prazer não o impediu todavia de estudar; e como era um dos mais bellos espiritos do seu tempo, não tardou que viesse a ser habil em todas

as sciencias. Tendo sido provido em uma prebenda da igreja de Santen, entrou no clero e tomou até o subdiaconado, bem resolvido por espirito de libertinagem a não passar além. Pouco importou que o seu Bispo lhe observasse que deshonorava por sua conducta o estado ecclesiastico que tinha abraçado; foi surdo a taes conselhos, porque olhava o diaconado e o sacerdocio, assim como ainda hoje o fazem todos aquelles que se limitam a receber aquella primeira ordem sacra, como laços capazes de enfrear a licença de costumes em que queriam viver.

Depois de ter brilhado na côrte de Frederico, Arcebispo de Colonia, quiz mostrar-se com o mesmo fausto e com a mesma pompa na do imperador Henrique, seu parente; e de facto distinguin-se n'ella bem depressa por seu espirito e bellas maneiras. O imperador nomeou-o seu primeiro capellão, e em seguida Bispo de Cambray; mas recusou-o não por virtude, mas porque não queria mudar de vida. Porém o Senhor, que d'elle queria fazer um vaso de eleição, prostrou-o no meio de seu curso. Ia um dia Norberto a cavallo, seguido de um só pagem, a uma aldeia da Westphalia, chamada Freten; o céu que até então estivera sereno encobriu-se de repente. Uma furiosa tempestade, acompanhada de relampagos e trovões, espantou o cavalleiro e o pagem. Deliberavam entre si se deveriam voltar para traz, quando um raio cahiu aos pés do cavallo de Norberto, abriu a terra, derribou o cavalleiro, o qual deixou enterrado a meio. Norberto ficou quasi uma hora sem sentidos, até que enfim voltando a si, levantou-se, poz-se de joelhos e erguendo os olhos e as mãos ao céu, exclamou como outro santo: «Senhor, que quereis que faça?» Pareceu-lhe que interiormente lhe respondiam: «Que deixes o mal e que sigas o bem.» Resolvido a mudar de vida, retrocedeu, retirou-se a Santen, e sem fazer ruido contentou-se por então com fugir de todo o peccado e trazer um aspero cilicio debaixo do habito regular.

Pouco depois retirou-se ao mosteiro de Sigeberto, governado pelo abbade Canon, Bispo que foi de Ratisbona, e este opportuno retiro completou sua conversão. Instruido já nos caminhos do Senhor, resolveu romper inteiramente com o mundo; sabendo que o Arcebispo de Colonia celebrava ordens, foi-se ter com elle, lançou-se-lhe aos pés e supplicou-lhe que o admittisse no numero dos ordinandos. O Prelado, agradavelmente surprehendido por que elle proprio pedia o que, tantas vezes offerecido, recusara, admirou uma tão grande mudança e prometeu-lhe ordenal-o de diacono. Não é bastante, tor-

nou Norberto, é preciso que me orde-ne no mesmo dia de presbytero. O Arcebispo, ainda mais surprehendido, pergunta-lhe a causa de tanta pressa. O santo por unica resposta lança-se-lhe aos pés e banhado em lagrimas pede-lhe que o ouça de confissão, declara-lhe todos os seus desregramentos, pede-lhe a absolvição e supplica-lhe que lhe não demore a ordenação. O Prelado enternecido, attendendo antes ás santas disposições do penitente, do que ás regras estabelecidas, julgou benevolamente poder assentir á sua petição.

No dia da ordenação os outros ordinandos apresentaram-se na igreja revestidos de albas, como é costume; Norberto appareceu vestido o mais ricamente possivel. Tendo-lhe o sachristão apresentado os paramentos, com que devia revestir-se, Norberto chama um de seus criados, despe seus habitos seculares, e veste uma pobre sotaina, feita de pelles de cordeiro e toma por cintura uma corda. O spectaculo era muito edificante para não commover; poucos espectadores poderam conter as lagrimas.

O novo padre retirou-se para a abbacia de Sigeberto para se dispôr afim de celebrar a sua primeira missa; preparou-se durante quarenta dias pelo exercicio da mais assombrosa penitencia.

Instado pelo seu capitulo, celebrou sua primeira missa na igreja de Santen. A devoção do novo sacerdote communicou-se aos assistentes. Mas a surpresa subiu de ponto, quando depois do Evangelho o viram subir ao pulpito: prégou com tanta eloquencia e zelo sobre a vaidade do mundo, sobre a brevidade da vida, sobre a santidade do estado ecclesiastico, sobre a indispensavel multiplicidade de seus deveres, que todo o auditorio se debulhou em pranto. No dia seguinte no capitulo interrogado sobre alguns pontos da regra, fallou de maneira tão forte e tão pathetica contra os abusos que se tinham introduzido e contra a licença de costumes dos ecclesiasticos, que por este discurso acabou a conversão d'aquelles que tinha abalado pelo precedente; o fructo porém não foi universal. Esta liberdade apostolica desagradou a alguns; o receio de terem d'ali em diante no capitulo um tal censor, cujos exemplos os desesperava, levou-os a pôr tudo em jogo para se descartarem d'elle.

Foi coberto de injurias, insultado muitas vezes, e calumniado até junto do Papa, como um hypocrita e um innovador que occultava designios sobre o pretexto especioso de reforma.

Depois de ser abbade do Premonstrado, Bispo de Magdburgo e de ter prestado muitos outros serviços á causa de Deus, que seria longo enumerar,

falleceu a 6 de junho de 1134, com 51 annos d'idade, ao oitavo dia do seu episcopado. O seu corpo só foi enter-rado 9 dias depois da sua morte sem a menor corrupção; e durante todo esse tempo Deus manifestou a gloria d'este grande santo por muitos milagres.

RETROSPECTO

Milagre da Santissima Virgem

Em Alcira, Valença, segundo uma carta d'aquella povoação para um jornal estrangeiro, deu-se um caso maravilhoso, que commoveu profundamente quantos o presenciaram.

Havia n'aquella cidade um homem pobre, surdo, cego e atacado do mal epileptico, chamado Victor. No dia 23 de abril, um ancião de barba branca apresentou-se a uma mulher a pedir-lhe esmola; a boa mulher deu-lhe um pedaço de pão, dizendo-lhe que não podia dar mais nada porque ella tambem era pobre e vivia da caridade.

O ancião respondeu-lhe:

—Leva o teu marido enfermo ante a Virgem do Carmo que ella o curará.

A mulher perguntou:

—Conhece meu marido? e ao dizer estas palavras o ancião desapareceu.

A mulher foi procurar seu marido, que andava pelas ruas a esmolar, acompanhado por um papaz que o conduzia quasi arrastado. Ao encontral-os, a mulher disse-lhes sómente: Vinde conmigo á igreja; e levou-os á igreja de Santa Catharina. Pediu um banco, collocou ante o altar da Virgem do Carmo, senta n'elle o marido e começou a orar. Este poz-se a dormir e alguns instantes depois principiou a gritar:

—Onde estou! Que vejo?

A mulher corre para elle, fal-o ajoelhar e reza com elle uma *Salve Rainha*. O pobre homem estava curado! No meio da admiração dos assistentes, o pobre cego andava já sem o auxilio de ninguém. Toda a povoação se informa pessoalmente de tão extraordinaria cura, e no dia seguinte cantou-se na dita igreja uma missa solemne em acção de graças. O que era cego e surdo e mudo e quasi tolhido, vê, ouve, falla e anda são em presença de todos. Diz que sentiu como se lhe pozessem a mão no peito: nada mais sabe explicar.»

Eis a narrativa do facto que traz commovida toda a população da Alcira, onde o miraculado é bem conhecido.

O celibato dos Padres

S. Francisco de Sales trabalhava na conversão de certa mulher protestante, que o visitava muitas vezes para desfazer novas duvidas, e elle ouvia-a com muita amabilidade e sem dar signaes

de fadiga, ainda que visse que, apesar do tempo e da molestia, nada adeantava.

Attrahida pela amavel attenção de Francisco, chegou a chamal-o tres e quatro vezes ao dia, até que por fim disse-lhe que para se converter só lhe restava uma difficuldade: o celibato dos Padres.

—Não vê que esse celibato é necessario, respondeu-lhe o santo, afim de que, livres os Padres dos cuidados da familia, possam dedicar-se inteiramente ao serviço do povo? Sem ir mais longe, diga-me: Poderia eu ouvir tantas vezes como a tenho ouvido, se tivesse mulher e filhos a attender?

Esta reflexão convenceu-a mais que todas as razões e argumentos dos theologos e converteu-a.

Heroismo d'uma serva de Maria

N'um jornal de Avila, Hespanha, vemos a narrativa d'um dos maiores rasgos de caridade e heroismo que podem imaginar-se, praticado por uma humilde serva de Maria.

«N'um incendio occorrido em Avila deu-se o seguinte caso:

No ultimo andar da casa incendiada jazia no leito, atacado de variola, o proprietario do café Suizo, que não tem familia e era tratado na sua penosa enfermidade por uma serva de Maria. Esta, percebendo o fumo que invadia a casa, corre á escada; mas o fumo era tanto que ella não pôde ver onde predominava o fogo. Entra na habitação onde estava o varioloso e á varanda grita por soccorro. Varios operarios collocam duas escadas, uma do pavimento ao andar superior e outra d'este ao segundo andar.

—A snr.^a desça pela escada, disse um d'aquelles.

—Nunca! gritou a serva de Maria. Primeiro o meu enfermo.

Envolve apressadamente o corpo do doente n'uma comprida manta, porque a mais pequena demora podia causar-lhe a morte, e passando-lhe uma corda por baixo dos braços, ficou na varanda a segural-o, enquanto um operario auxiliava o doente a descer a escada, trabalho bastante arduo para ambos. A irmã da caridade, que se chama Natividade Lariz, quando viu que o objecto dos seus desvelos estava salvo, envolvida quasi pelas chammas, saltou para a escada que estava posta verticalmente.

A multidão vê horrorizada como aquelle ser delicado faz aquella perigosa descida. De repente a serva de Maria vacilla e parece estar bastante embaraçada. Então, um homem do povo, cujo nome sentimos ignorar, sóbe rapidamente a escada, e agarrando-se com uma das mãos á escada e ajudando com

a outra a religiosa, desceu com Soror Natividade, que, sem se preocupar de mais, perguntou com anciedade para onde tinham levado o enfermo».

Catecismo de Perseverança

Distribuímos hoje aos nossos assignantes um prospecto do *Catecismo de Perseverança*, que o snr. Antonio Dourado, benemerito editor catholico d'esta cidade, vae editar em fasciculos.

A obra não precisa de ser encarecida, tão conhecida e apreciada é.

O olhar d'uma mãe

Um celebre Padre Jesuita contava em certa occasião o seguinte caso:

Conheci um estudante cuja vida dissoluta foi causa de que o carregassem de algemas e o encerrassem n'uma fortaleza.

Ha muito tempo que seu pae havia morrido, e a sua pobre mãe tinha que supportar só a grande dôr que o comportamento de seu filho causava.

E' difficil exprimir a dôr que consumia o coração da mãe; mas nada comovia o coração do filho culpado, nem tão pouco dava signal de arrependimento.

Não é de admirar que uma dôr tão cruel conduzisse a pobre mãe ás portas do sepulcro. Vendo esta approximar a sua ultima hora, pediu e obteve do commandante da fortaleza a triste consolação de vêr pela ultima vez seu filho.

No dia seguinte o filho foi conduzido á presença de sua mãe. Pallida e consumida pela dôr, não achou uma só palavra que lhe dirigisse, e contentou-se em fixar n'elle um olhar prolongado e penetrante. Depois voltou o rosto e fez signal para que o levassem.

Tal como veio, assim foi: frio e obstinado. Mas na prisão o olhar de sua mãe moribunda parecia fixal-o de novo. Este olhar era todo censura, castigo, petição, anciedade de mãe, amor maternal.

Se ella lhe tivesse fallado durante um mez, talvez o não tivesse impressionado mais do que aquelle olhar no seu leito de morte.

Que tempestade de commoção agitou então a alma do desgraçado joven!

Meu Deus!—exclamou, a que extremos cheguei! Não se contentou em reconhecer os seus extravios, mas converteu-se sinceramente, entrou n'um Mosteiro, depois fez-se Jesuita e missionario; e agora eis o joven criminoso aqui ante vós no pulpito.

Era o proprio Padre Heschler, o celebre Jesuita que morreu em 1876.

Como se morre n'um incendio

Ainda que seja sempre atroz o morrer no meio das chammas, a opinião

d'um medico dos hospitaes de Paris é que esta morte pôde ser mais rapida e menos dolorosa do que se julga.

A victima pôde morrer por asphixia. Pôde succumbir por falsa asphixia ou absorpção de oxido de carbone, e tambem por inalação de fumo, que contrae e paralyza os musculos dos pulmões.

Nos incendios muitas pessoas devem morrer de congestão cerebral, antes de serem abrazadas pelo fogo. Até a elevação da temperatura, fóra dos incendios, dá frequentemente este resultado.

E finalmente, ha tambem quem morra de medo, isto é, d'uma forte paralyzação do coração, causada pelo terror.

Deus não protege os seus

Lê-se em *La Croix*: «N'uma reunião intima. um leitor do *Radical*, fallando do incendio do Bazar de Caridade, dizia ironicamente: «Deus não protege os seus!»

«Não sou da sua opinião, respondeu-lhe um operario que alli se encontrava. Da mesma fórma que um commandante em frente do inimigo escolhe os melhores dos seus soldados para as missões mais perigosas, assim Deus escolhe os seus servos mais fieis para pagarem a pena do seu paiz e da humanidade. Foi pelo martyrio que Jesus salvou o mundo. Pelo martyrio, christãmente soffrido, as victimas do incendio do dia 4 puderam não só salvar-se a si proprias, mas pagar a pena de um paiz que esquece a sua fé, d'uma sociedade que se esquece dos seus primeiros deveres. E o seu quinhão, aos olhos dos christãos, é o mais invejavel. Os que ficam é que são para lastimar».

Como morreu Napoleão

No dia 21 de abril de 1821 Napoleão manifestou desejos de vêr o abbade Vignali, e perguntou-lhe:

—V. rev.^{ma} sabe o que é uma capella mortuaria?

—Sim, senhor, replicou o sacerdote.

—Tem dirigido alguma?

—Não, senhor.

—Pois então dirigirá a minha.

Napoleão explicou ao Abbade Vignali o que devia fazer, e como notasse certos gestos no medico Antomarchi, que estava presente, não occultou o seu desagrado, e disse:

—Creio em Deus e sigo a religião de meus paes.

Em seguida accrescentou, dirigindo-se ao abbade:

—Nasci na religião catholica: quero cumprir os deveres que ella me impõe e receber as suas consolações.

Quando o Padre se retirou, Napoleão censurou a Antomarchi a sua incredulidade e disse-lhe:

—Como não pôde crêr em Deus quando tudo proclama a sua existencia e todos os homens de genio são crentes?

Antomarchi contestou que nunca havia posto em duvida a existencia de Deus, e que o imperador se enganára na significação dos seus gestos.

—E' medico, replicou Napoleão, accrescentando em voz baixa:

«Esta classe atem-se á materia e não crê em nada.»

A's duas horas da tarde do dia 2 de maio, Napoleão chamou o Abbade Vignali para confessar-se. Depois da confissão, o heroe de Austerlitz e de Jena, o capitão do seculo, recebeu humildemente o Sagrado Viatico. No dia 4 estava na agonia; na madrugada do dia 5 de maio de 1821 expirou.

Os labios do imperador, que delirava, pronunciaram estas palavras: — Cabeça do exercito,— e entregou a alma a Deus.

Os Jesuitas em Granada

Os Jesuitas que vivem em Granada (Hespanha), emprehenderam a edificação d'um templo grandioso, dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, cujas obras continuam com grande desenvolvimento.

O Snr. Arcebispo de Granada foi quem presidiu á cerimonia do lançamento da primeira pedra.

Esta é a differença entre os Jesuitas e seus inimigos: os Jesuitas levantam templos a Deus, os seus inimigos casas ao diabo, que nos theatros faz uma colheita abundante...

Reforma da Ordem dos Franciscanos

Afirma-se que se trata no Vaticano de reformar a Ordem dos franciscanos, reunindo n'um só os tres ramos em que hoje se divide: franciscanos propriamente ditos ou menores observantes, os conventuaes e os capuchinhos.

Os conventuaes e os capuchinhos podem ser considerados como ordens religiosas distinctas, pois que possuem cada uma a sua administração propria e geral; a reforma de que presentemente se trata não os attinge.

Os menores observantes estão divididos, a seu turno, em muitos ramos, que devem cada um a sua origem a uma reforma nova. E' assim que os distinguem em menores da estricta observancia, em recollectos, em reformados, em alcantarinos, etc.

Pensamento da Bemaventurada Maria Alacoque

Offereci todas as vossas acções ao Sagrado Coração de Jesus para que ao principio vos sirva de disposição, e ao terminal-as, de satisfação.